

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Valter Campanato/Agência Brasil



PT/Divulgação



Dameres pode empurrar Flávia para o governo

Aliados da deputada federal Flávia Arruda (PL-DF) querem que o governador Ibaneis Rocha (MDB) coordene a frente de partidos que apoiam a reeleição e busque uma saída para o confronto instalado com o lançamento da pré-candidatura da ex-ministra Dameres Alves (Republicanos) ao Senado. Nos bastidores, eles reivindicam que Ibaneis procure o presidente Jair Bolsonaro e acerte a composição da chapa. No PL, cresce um sentimento de que Flávia não deverá disputar o Senado com Dameres, se a candidatura da ex-ministra bolsonarista vingar. Surge assim, um plano B que apoiadores de Flávia aplaudem: uma candidatura dela ao Governo do Distrito Federal, com Dameres ao Senado e, ainda, puxando o PP. Nos bastidores, eles sonham até com o União Brasil no bloco de partidos de apoio à candidatura da Flávia.

Conciliação

Flávia Arruda não quer entrar nesse embate com o governador Ibaneis Rocha. Acha que não é o momento de disputar o governo e está animada com a possibilidade de chegar ao Senado. Prefere uma conciliação. Mas seu destino está muito amarrado às decisões do presidente Jair Bolsonaro.

Problema é do PL

No grupo de Ibaneis, o sentimento é o de que cabe ao PL, com Valdemar Costa Neto, Flávia Arruda e o ex-governador José Roberto Arruda procurarem Bolsonaro e o presidente nacional do Republicanos, Marcos Pereira, e resolver o assunto.

Difícil encontrar um consenso

Não vai ser fácil encontrar uma candidatura de consenso e unidade na federação PT-PV-PCdoB ao Palácio do Buriti. A reunião do comando do PT-DF com o coordenador do Grupo de Trabalho Eleitoral (GTE) do PT, José Guimarães, para definir os rumos deixou alguns pontos claros. Mas não chegou a uma solução. Primeiro, a cúpula da campanha de Lula quer atender o PV e apoiar o deputado distrital Leandro Grass ao GDF, mas não vai abrir uma guerra com os petistas de Brasília. Segundo, se os pré-candidatos do PT, Rosilene Corrêa e Geraldo Magela, não se entenderem, cresce e muito a possibilidade de Grass ser escolhido em uma imposição nacional. Guimarães avisou que ainda surgiu um quarto nome no páreo: o pré-candidato do PSB, Rafael Parente. O pedido é de Geraldo Alckmin, ex-tucano escolhido para ser o vice de Lula. Ou seja, os partidos da base do ex-presidente estão indo no caminho da terceira via nacional: muitos nomes que não se unem.

No voto

Na próxima terça-feira, petistas deverão se reunir para tentar afinar o projeto. Se não houver entendimento, a decisão pode sair no voto, durante o congresso regional, marcado para começar em 13 de maio. Os 300 delegados do partido definirão se o PT terá candidatura própria ao governo ou apoiará alguém de outra legenda, como Leandro Grass (PV). Os delegados refletem as forças do partido, hoje, representadas principalmente por Jacy Afonso, atual presidente, o ex-presidente Vilmar Lacerda e a deputada distrital Arlete Sampaio.

2 X 0

Leandro Grass (PV) tem um trunfo em relação a Rafael Parente (PSB) na disputa pelo apoio dos partidos da base do ex-presidente Lula. O PV é aliado e não tem candidato ao governo em nenhuma unidade da federação. O PSB foi atendido em seus pleitos em, pelo menos, dois estados. No Rio de Janeiro, o PT vai com Marcelo Freixo (PSB — foto). Em Pernambuco, Lula apoia o deputado federal Danilo Cabral (PSB) na disputa ao governo, abrindo mão da candidatura de Marília Arraes no estado.

Rafael e Leila tentam selar aliança para as eleições

Com a intermediação do deputado Professor Israel Batista, que acaba de ingressar no PSB, o ex-secretário de Educação Rafael Parente e a senadora Leila Barros vão tentar uma parceria nas eleições ao governo. Eles estiveram juntos, ontem, e acertaram até uma possível união, sendo que um abraço da cabeça de chapa para o outro no momento do registro das candidaturas. O problema é saber quem tem mais condições de se sair melhor na disputa ao Buriti. Amigo de Leila, grande incentivador do ingresso da atleta de vôlei na corrida ao Senado em 2018, Israel vai tentar unir os dois. Se der certo, será o padrinho desse casamento político.

PSB/Divulgação



Entrave (quase) intransponível

Um dos entraves dessa união é o presidente nacional do PSB, Carlos Siqueira. Ele não esquece o rompimento da senadora Leila Barros com o partido, legenda pelo qual se elegeu senadora em 2018, com apoio e estrutura financeira do fundo eleitoral. No lançamento da pré-candidatura de Rafael Parente ao governo, no ano passado, Siqueira retrucou abertamente o ex-governador Rodrigo Rollemberg, quando ele declarou que a sigla deveria buscar uma aliança com Leila. Em conversas políticas recentemente, Siqueira disse que não faria mais alianças com a senadora por falta de confiança. Mas Parente, se for candidato ao governo, vai trabalhar com o argumento de que ninguém vence eleição olhando para trás e carregando magoas.

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos_cb

» Entrevista | CORONEL CHARLES MAGALHÃES | PRÉ-CANDIDATO A DEPUTADO FEDERAL PELO PSD

Ao CB.Poder, o militar comenta que um dos fatores que leva ao feminicídio é "a questão comportamental da mulher"

"Sou a favor de armar a população"

» PAULO MARTINS*

A temática de segurança pública é uma das principais abordagens nas eleições de outubro. Visando o pleito, o pré-candidato a deputado federal Coronel Charles Magalhães (PSD) pontuou problemas e soluções para diminuir a violência no DF, ontem, em entrevista ao CB.Poder — parceria do Correio com a TV Brasília. Segundo o policial militar, "há uma mudança na modalidade de crimes, dos anos 1990 para hoje, por exemplo", disse, ao jornalista Vicente Nunes.

Quando crimes violentos, como o ataque ao repórter Gabriel Luiz, no Sudoeste, atinge áreas nobres, significa que a violência saiu do controle? Isso tem relação com educação e renda?

Na realidade, o DF tem sido, com o aumento populacional, acometido por muitos crimes. Há uma mudança na modalidade de crimes, dos anos 1990 para hoje, por exemplo. Bato muito na tecla da necessidade de trabalhar no nascedouro da criminalidade, relacionada ao uso das drogas. É preciso que

as autoridades policiais estejam focadas na questão do combate ao tráfico, como criar leis federais eficazes e eficientes de se promover a possibilidade dessas pessoas, que ingressam no mundo das drogas, possam ser desestimuladas, com o esporte e o lazer, por exemplo. É uma semente para o futuro. Com certeza, tem a ver com renda, também. O cometimento do furto familiar aumentou. Quem durante a pandemia não tinha como prover seu sustento entrava no supermercado às escuras e levava um quilo de arroz e feijão.

O latrocínio cresceu muito no DF. Como combater isso?

Na realidade, os crimes de homicídio e latrocínio que, por mais que haja a presença do policial nas ruas, quando uma pessoa quer matar outra, mata. Quando quer assaltar, ela faz isso, e é difícil de a polícia preventiva agir. Nem o policiamento ostensivo resolve isso. Hoje, a polícia tem 10 mil homens e há uma evasão, devido à aposentadoria, uma vez que as pessoas que fazem concurso buscam salários mais atrativos. Isso torna difícil a recomposição.

Vemos cada vez mais policiais aposentados atirando em todo

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



mundo. Na segunda-feira, um agente federal entrou em um supermercado e disparou a arma. Qual a análise do senhor?

É um fato isolado, mas tem acontecido, e não vamos generalizar profissionais sérios e responsáveis. É a mesma coisa de discutirmos o armamento, o fato de ter mais pessoas armadas nas ruas significa mais criminalidade? Não. O bandido age contra o cidadão porque sabe que está desarmado. Sou a favor de armar a população. Não é tão simples

adquirir armas, existe todo um critério. Se passa por um treinamento para comprovar que há habilidade e conhecimento técnico, e procedimentos psicológicos que avaliam. Não é qualquer cidadão que deve estar armado, mas, sim, o cidadão de bem.

O senhor tem alguma proposta para combater o feminicídio?

Deve haver a conscientização do homem de que a mulher não é objeto, nem propriedade. Isso deve ser desde pequeno. A estrutura

educacional do Brasil tem que mudar, e as leis também. O feminicídio existe em vários fatores sociais, e um deles está ligado à questão comportamental da mulher, que tolera uma, duas, três vezes e, cada vez que é tolerado algo contra ela, é alimentada a possibilidade de ela ser morta. Por isso, é importante que haja leis federais que garantam que as mulheres tenham os mesmos espaços na sociedade que os homens.

O presidente é muito alinhado com as forças de segurança. Essa proximidade traz alguma vantagem na segurança?

Já há uma mudança conceitual. Nos últimos 20 anos, tivemos mudanças na inversão de valores. Fui presidente da Secretaria Nacional de Direitos Humanos Partidária, e defendia, e defendo, que os primeiros a ter direitos humanos são os policiais. Isso mudou depois da assunção do presidente Bolsonaro porque, como militar e com a filosofia de direita, há um senso de justiça muito mais apurado do que anteriormente. Vejo que o Brasil está no caminho certo nesse aspecto. E a valorização dos profissionais que arriscam a vida em prol

da sociedade, de quem não conhece. Saímos para a rua e não sabemos se voltaremos.

A polícia do DF está perdendo a guerra contra o crime?

Jamais, sempre vai prevalecer sobre o mal. As nossas instituições policiais são muito bem preparadas. Acho que precisa melhorar nos equipamentos e na valorização dos próprios policiais. Temos muitos policiais endividados por causa do percentual que incide sobre o atendimento de saúde dos familiares, que deve ser corrigido em uma decisão do Tribunal de Contas do DF, mas que precisa de uma intervenção dos políticos, do próprio governador. Existem alguns anseios nas instituições, e o principal é o aumento diferenciado e outras coisas que os policiais precisam, como o exemplo de um policial conseguir o porte de arma na reserva.

A PMDF vai toda com Bolsonaro nas eleições presidenciais?

99,9%, sim.

*** Estagiário sob a supervisão de Guilherme Marinho**